

AS DIMENSÕES DO LAZER NO TEMPO: A CONFIGURAÇÃO DOS PARQUES NA CIDADE DE SÃO PAULO¹

Recebido em: 22/01/2016

Aceito em: 24/06/2016

*Hennan Gessi*²

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

São Paulo – SP – Brasil

RESUMO: Diversos interesses e conflitos estão presentes na organização do lazer no decorrer do tempo, da regulamentação do direito ao lazer à conformação de estruturas adequadas para o desfrute da população, do efeito regenerativo sobre o trabalhador, a exploração de seu potencial econômico diante do surgimento da indústria do lazer e o incentivo ao consumo. Sendo assim, visando compreender as dimensões do lazer no tempo, o artigo inicialmente abordará sobre a construção do conceito de lazer, expondo as formulações elaboradas por estudiosos do campo. Analisado o conceito de lazer, refletiremos sobre a relação entre lazer, espaço e tempo, tendo como base o processo de implantação dos parques na cidade de São Paulo no contexto de sua expansão urbana, salientando, especialmente, a influência europeia e norte-americana no que tange aos distintos modelos surgidos na capital paulista.

PALAVRAS CHAVE: Atividades de Lazer. Tempo. Parques Recreativos.

LEISURE DIMENSIONS IN TIME: THE SETTING OF PARKS IN SÃO PAULO

ABSTRACT: Several interests and conflicts are placed in the leisure organization over time, from the regulation of the right to leisure, to the conformation of adequate facilities for the enjoyment, the regenerative effect on the worker, the exploitation of its economic potential by the industries of leisure that increases the consumption. Therefore, trying to understand the dimensions of the leisure time, the article will argue about the construction of the concept of leisure, exposing the formulations developed by the field. Buy the analyses of the concept of leisure, we reflect the relationship between leisure, space and time, based on the process of implementation of the parks in the city of São Paulo during its urban expansion, especially, the European and American influence in the models adopted in São Paulo.

KEYWORDS: Leisure Activities. Time. Parks, Recreational.

¹ Pesquisa em desenvolvimento ao abrigo de uma bolsa FAPESP. Processo nº 2014/25057-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

² Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) - Departamento de História.

Introdução

Configurando-se como um elemento que compõe a sociedade, o lazer deve ser compreendido como um campo de conflito, caracterizado por constantes transformações, mas também por permanências, algo que salientaremos ao examinar as acepções do conceito formuladas por teóricos dedicados aos estudos deste campo, bem como ao analisar suas formas de produção e aplicação na sociedade. Dessa forma, diante da proposição de um debate sobre lazer, torna-se imprescindível abordar uma das dimensões que o compõe: *o tempo*, isto é, sua influência sobre a configuração teórica e prática do lazer, das dimensões conceituais, as distintas perspectivas de fruição emergidas em sintonia com as mudanças sociais.

O historiador José D'Assunção Barros, na obra **Tempo Histórico: horizontes e conceitos** versa sobre o conceito de tempo, evidenciando a estreita conexão deste com a História, afinal, como pontuado pelo autor, “[...] os historiadores estão presos ao tempo” (BARROS, 2013, p.18), e a perspectiva do tempo é um fator que condiciona a existência do historiador (BARROS, 2013, p.13):

Situar todas as coisas no tempo – enxerga-las sob a perspectiva de que cada uma delas interage e ajuda a construir um contexto, unindo-se a uma vasta rede de outras coisas que também se inscrevem no tempo – é típico da história [...] O que é visceral mesmo, em cada historiador, é a ideia de que tudo se inscreve no tempo, de que tudo se transforma – e de que devemos refletir de modo problematizado sobre cada uma destas transformações (BARROS, 2013, p.18).

Segundo o historiador francês Marc Bloch, a História se configura como “[...] o estudo dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p.55), algo enfatizado também por Barros ao abordar que a História não se restringe ao exame do passado, conformando-se como o estudo das ações, transformações, permanências que se desenvolvem ou se estabelecem em um determinado período de tempo (BARROS, 2013, p.18-19).

Ademais, ao discorrer sobre a relação entre tempo e História, outro aspecto destacado pelo autor concerne à questão da “especificidade temporal”³, isto é, durante o processo de construção analítica o historiador deve estar consciente que tanto seu objeto de pesquisa, quanto suas representações são constituídas em contextos sociais singulares (BARROS, 2013, p.19). Desse modo, as percepções inscritas no tempo em que é desenvolvida a produção do autor são concebidas e se estruturam de maneiras distintas ao período em que o objeto de pesquisa se instituiu⁴, no entanto, não podem ser tratadas isoladamente (BARROS, 2013, p. 19). Segundo José D’Assunção Barros, deve-se, “[...] estudar o momento presente, com vistas a perceber como este momento presente é afetado por certos processos que se desenvolvem na passagem do tempo, ou como a temporalidade afeta de diversos modos à vida presente” (BARROS, 2013, p.9).

Perspectiva corrente, inclusive no âmbito dos estudos de lazer, pois ao nos depararmos com os conceitos produzidos pelos teóricos do campo, apesar de observarmos especificidades em função de suas experiências particulares no tempo (contexto social, político, econômico, cultural, formação acadêmica, etc.), percebemos a existência de um diálogo entre as concepções concebidas nos distintos períodos de produção. Além disso, ao problematizarmos a conformação do lazer na sociedade ao longo tempo, com destaque para o intenso conflito que permeia a sua regulamentação,

³ No capítulo, “O tempo da fronteira – retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira”, da obra **Fronteira. A degradação do outro nos confins do humano**, o sociólogo José de Souza Martins ao debater a temática da fronteira no Brasil, caracterizando-a como um espaço de conflito social em que simultaneamente se configurava a descoberta e o desencontro, trabalha com a perspectiva de “especificidade temporal”. Ou seja, para o autor as fronteiras brasileiras são espaços onde se conformam o desencontro de concepções de vida e visões de mundo, sobretudo expressões culturais, experiências e mentalidades, demonstrando que cada realidade peculiar detém seu próprio tempo. Em outras palavras, as fronteiras correspondem a espaços de desencontro de temporalidades históricas, tendo vista os diferentes grupos sociais que em alguns territórios do país viviam/vivem próximos, entre eles, índios e civilizados e latifundiários e camponeses pobres (MARTINS, 1997, p.150).

⁴ Definido que em temporalidades distintas as sociedades guardam características próprias, torna-se relevante ressaltar que os contextos sociais específicos de cada período não são “engessados”, ou seja, de acordo com Barros deve-se compreender que em um mesmo contexto social/temporal se configuram uma multiplicidade/diversidade pensamentos, costumes e práticas (BARROS, 2013, p.33-34).

expansão e acesso no que tange ao tempo, espaços, equipamentos, entre outros aspectos que condicionam seu desfrute, também identificamos ligações entre passado e presente, permanências e mudanças, embora, assim como no campo conceitual, se faça necessário levar em consideração as peculiaridades sociais, culturais, políticas, econômicas dos distintos períodos históricos.

Outras concepções trabalhadas na obra por José D'Assunção Barros que são relevantes para pensarmos sobre o campo do lazer são as noções de tempo humano, social e coletivo. De acordo com o autor, o tempo histórico é “[...] necessariamente humano” (BARROS, 2013, p.20), isto é, reporta-se a existência do homem e conforma-se sob a perspectiva de suas ações no tempo (BARROS, 2013, p. 20-22). Desta maneira, sendo o lazer uma criação humana, emergindo diante diferentes demandas e interesses sócio-culturais e político-econômicos idealizados pelos homens vivendo em sociedade no tempo, pode ser compreendido como um fenômeno humano/social/coletivo concebido no tempo, conservando especificidades conjunturais, mas que estabelecem um constante diálogo.

O historiador Nicolau Sevcenko, na obra **Orfeu Extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**, ao analisar panorama sócio-cultural da cidade de São Paulo na década de 1920, problematizando sua conflituosa conformação identitária⁵, diante das intensas transformações sociais, econômicas e urbanas deflagradas na “Pauliceia” desde o último quarto do século XIX, com destaque para expansão cafeeira, o incremento da manufatura e da mecanização, a ampliação dos

⁵ Segundo Sevcenko, o contexto urbano da cidade de São Paulo era estruturado por “estranhamento identitário”. “Afim, São Paulo não era nem de branco nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar da importância crucial do café; não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-la como podiam, enquanto lutavam para não serem devorados” (SEVCENKO, 1992, p. 31).

serviços urbanos, entre eles, o transporte⁶, o saneamento e a iluminação pública, e o vertiginoso crescimento populacional⁷, associado inclusive ao relevante fluxo imigratório (BACELLI, 1982, p.17), trabalha com a noção de “tempo acelerado”, isto é, as inúmeras transformações ocorridas em um curto período de tempo como o estopim para configuração de um conflito identitário relativo ao espaço, da apropriação contemplativa a apropriação prática; das relações, afinal, a cidade começa a ser habitada por distintos grupos sociais; entre outros:

Aos anseios de comunidade dos desenraizados no espaço correspondiam os anseios de continuidade histórica dos desenraizados no tempo. Situações que se entrecruzavam, porque a nova metrópole emergente era um fenômeno surpreendente para todos, tanto espacialmente, por sua escala e heterogeneidade quanto temporalmente, tão absoluta era sua ruptura com o passado recente. Afora uma inexpressiva minoria, que desfrutava o raro privilégio das viagens internacionais, a maciça maioria da população ignorava por completo a experiência de viver numa metrópole, até o momento em que foi inadvertidamente envolvida numa. Tanto a forma histórica da metrópole, quanto às moderníssimas tecnologias implicadas nela para transporte, comunicações, produção, consumo e lazer, a experiência mesma de assumir uma existência coletiva inconsciente, como “massa urbana”, imposta por essas tecnologias, se abateram como uma circunstância imprevista para os contingentes engolfados na metropolização de São Paulo. Todas essas condições se impuseram mais rápido do que eles pudessem assimilar, sob uma irresistível pressão internacional, tão vasta para ser compreendida, quanto mínima fora à possibilidade de transmissão de novas atitudes no curto espaço de cerca de duas gerações (SEVCENKO, 1992, p.40).

Em consonância com as imensuráveis metamorfoses sucedidas no período, Sevcenko também salienta a conformação de uma série de “[...] novos hábitos físicos, sensoriais e mentais” (SEVCENKO, 1992, p.33), desenvolvidos no espaço da rua, especialmente nos fins de semana: *as diversões*, elemento reparador dos males

⁶ Entre as décadas de 1860 e 1870 foram inauguradas as ferrovias São Paulo Railway e a Estrada de Ferro Sorocabana, interligando a capital a regiões do interior e ao Porto de Santos (RAMOS, 2010, p.27). Além disso, em 1900, os primeiros bondes elétricos, gerenciados pela empresa de origem canadense Light and Power Co Ltd. , começaram a operar na cidade de São Paulo (ULIAN, 2010, p.78).

⁷ No final da década de 1880, a capital paulista era constituída de uma população de aproximadamente 48 mil habitantes, sendo 25% de estrangeiros (HOMEM, 2010, p.128). Em 1890, a cidade já abrigava em torno de 65 mil habitantes, que passaram a 240 mil em 1900, ocorrendo uma explosão demográfica de 269% naquela década (ANTAS JR., 2010, p.160). Em 1920, a população de São Paulo era formada por 579 mil habitantes, ultrapassando um milhão na década de 30 (ANTAS JR., 2010, p.161).

cotidianos, estimulante ao espírito, e preparatório para a semana ulterior (SEVCENKO, 1992, p.33). Por conseguinte, configuram-se em São Paulo as seguintes práticas:

[...] esportes, danças, bebedeiras, tóxicos, estimulantes, competições, cinemas, shopping, desfiles de moda, chás, confeitarias, cervejarias, passeios, excursões, viagens, treinamentos, condicionamentos, corridas rasas, de fundo, de cavalos, de bicicletas, de motocicletas, de carros, de avião, tiros-de-guerra, marchas, acampamentos, manobras, parques de diversões, boliches, patinação, passeios e corridas de barco, natação, saltos ornamentais, massagens, saunas, ginástica sueca, ginástica olímpica, ginástica coordenada com centenas de figurantes nos estádios antes dos jogos e nas principais praças da cidade toda semana (SEVCENKO, 1992, p.33).

Isto posto, utilizando-se de uma perspectiva histórica, analisaremos a formulação do conceito e a conformação das práticas de lazer no decorrer do tempo, buscando compreender sua emergência, expressões, permanências e transformações conectadas às perspectivas da sociedade.

O conceito de Lazer: Concepções que Permeiam o Campo

Tendo em vista as constantes mudanças deflagradas na sociedade e os conflitos que permearam tais transformações no decorrer do tempo, problematizaremos as definições do conceito de lazer, evidenciando sua multiplicidade, a julgar pelas distintas concepções formuladas pelos autores selecionados para realização desta análise, o que não implica que existam também aproximações entre as definições dos mesmos, sobretudo no que concerne ao período em que se configura o lazer na sociedade, em consonância com a emergência da Revolução Industrial e o estabelecimento de seus parâmetros que passaram a regular a dinâmica social.

Em **Sociologia Empírica do Lazer**, Joffre Dumazedier, pesquisador francês do campo do lazer e relevante referência para os estudos desenvolvidos sobre este tema, ancorado em uma perspectiva sociológica realiza uma profunda discussão sobre o

conceito de lazer. Segundo Dumazedier “[...] o lazer possui traços específicos, característicos da civilização nascida na Revolução Industrial” (DUMAZEDIER, 1974, p.26), considerando o conceito inadaptado ao período arcaico e pré-industrial.

O sociólogo coloca que nas sociedades arcaicas as atividades cotidianas “[...] são regradas pelas obrigações rituais impostas pela comunidade” (DUMAZEDIER, 1974, p.28). Dessa forma, atividades de trabalho e de não-trabalho, embora distintas, considerando sua finalidade prática, “[...]possuem significações de mesma natureza na vida essencial da comunidade” (DUMAZEDIER, 1974, p.26).

No que tange ao período pré-industrial, o autor considera a utilização do conceito inapropriado, pois atividades de trabalho e não-trabalho ocorrem em um ritmo natural, isto é, a ruptura entre trabalho e repouso não se configura com nitidez, confundindo-se com as demais atividades cotidianas como o jogo, o canto e as cerimônias. Ademais, Dumazedier coloca que períodos de escassez de produção diante de más condições climáticas, enfermidades e deveres espirituais também impediam a manutenção de uma regularidade de trabalho e, como o sociólogo define, que “[...] lazer pressupõe o trabalho, correspondendo a uma liberação periódica do mesmo no fim do dia, da semana, do ano, ou da vida de trabalho”⁸, (DUMAZEDIER, 1974, p.28), organização sócio-temporal difundida na sociedade moderna industrial, durante o período pré-industrial não é apropriado supor a existência de lazer.

Em suma, Dumazedier revela duas condições preliminares para que o desfrute do lazer se tornasse possível para os trabalhadores:

⁸ Outra prática vinculada pelo autor ao período arcaico e pré-industrial no intuito de diferenciá-la do conceito de lazer é a ociosidade. Segundo Dumazedier, a ociosidade que permeava a vida dos privilegiados era associada aos valores nobres - sabedoria e desenvolvimento do corpo e do espírito humano -, não se definindo em relação ao trabalho, ou seja, a ociosidade nega o trabalho, não é nem um complemento nem uma compensação deste, que era atribuído a outros grupos sociais (DUMAZEDIER, 1974, p.27).

- a) As atividades da sociedade não mais são regradas em sua totalidade por obrigações rituais impostas pela comunidade. Pelo menos uma parte dessas atividades escapa aos ritos coletivos, especialmente o trabalho e o lazer. Este último depende de livre escolha dos indivíduos, ainda que os determinismos sociais se exerçam evidentemente sobre essa livre escolha
- b) O trabalho profissional destacou-se das outras atividades. Possui um limite arbitrário, não regulado pela natureza. Sua organização é específica, de modo que o tempo livre é bem nitidamente separado ou separável dele (DUMAZEDIER, 1974, p.28).

Assim sendo, Dumazedier define ser “[...] mais válido e mais operatório destinar o vocábulo lazer ao único conteúdo do tempo orientado para realização da pessoa como fim último”⁹ (DUMAZEDIER, 1974, p.91), ou seja, mesmo sendo moldado pela premissa do trabalho e pelas estruturas de classes providas deste, o tempo de lazer é cada vez menos vivido como recuperação da força de trabalho, sendo concebido como um meio de satisfazer às necessidades da personalidade em qualquer nível cultural (DUMAZEDIER, 1974, p.240).

O sociólogo francês estabelece, então, como lazer, qualquer atividade que apresente as propriedades de caráter liberatório, desinteressado, hedonístico e pessoal, afirmando que na ausência de tais propriedades não haveria possibilidade deste existir.

Segundo Dumazedier, as atividades de caráter liberatório decorrem de uma livre escolha, que se torna possível apenas após o cumprimento do que o autor denomina “obrigações institucionais”, estabelecidas pelas estruturas constitutivas da sociedade. As obrigações institucionais correspondem às atividades profissionais, familiares, sócio-espirituais e sócio-políticas, configurando-se o lazer como liberação das mesmas, isto é, para que “[...] este tenha início, cumpre que elas terminem” (DUMAZEDIER, 1974, p.94).

⁹ De acordo com Dumazedier lazer e tempo livre são distintos. Enquanto no tempo livre se desenvolvem simultaneamente atividades de engajamento sócio-espiritual, de engajamento sócio político e as atividades que correspondem à satisfação da pessoa, somente as atividades orientadas de acordo com a última proposição dizem respeito ao lazer (DUMAZEDIER, 1974, p.236)

Quanto ao caráter desinteressado, o sociólogo afirma que as atividades de lazer não possuem finalidade material e nem pessoal. Em outras palavras, “[...] o lazer não está submetido a fim lucrativo, como o trabalho profissional, a fim utilitário, como as obrigações domésticas, a fim ideológico ou religioso, como os deveres políticos e espirituais” (DUMAZEDIER, 1974, p.95). Contudo, o autor explana que se o lazer corresponde a alguma dessas finalidades, não se transformando em obrigação, torna-se lazer parcial, denominado por Dumazedier como “semilazer”¹⁰.

O caráter hedonístico de acordo com o autor é caracterizado pela busca de um estado de satisfação, sendo basilar a procura do prazer e da felicidade, dessa maneira, se o lazer não propicia a fruição esperada acaba perdendo sentido (DUMAZEDIER, 1974, p. 95-96).

Por fim, o caráter pessoal é vinculado por Dumazedier às necessidades dos sujeitos:

- 1- Ele oferece ao homem as possibilidades da pessoa liberta-se das fadigas físicas ou nervosas que contrariam os ritmos biológicos da pessoa. Ele é poder de recuperação ou ensejo de flanação.
- 2- Ele oferece a possibilidade da pessoa libertar-se do tédio cotidiano que nasce das tarefas parcelares repetitivas, abrindo o universo real ou imaginário do divertimento, autorizado ou interdito pela sociedade.
- 3- Ele permite que cada um saia das rotinas e dos estereótipos impostos pelo funcionamento dos organismos de base; abre caminho de uma livre superação de si mesmo e de uma liberação do poder criador, em contradição ou em harmonia com os valores dominantes da civilização. Conforme o gênero e o nível das atividades, conforme as situações e as pessoas, tais necessidades são mais ou menos satisfeitas. Ao nosso ver o lazer mais completo é aquele que poderá satisfazer essas três necessidades o indivíduo e estas três funções fundamentais irredutíveis entre si, mas em estrita inter-relação. Todo lazer que não oferece a alternância possível destes três gêneros de escolha é incompleto

¹⁰ O conceito de semilazer é definido por Dumazedier como uma atividade mista de lazer e obrigação institucional, sendo produzido na intersecção entre as obrigações primárias e as obrigações de lazer (DUMAZEDIER, 1974, p.95). Na obra **Introdução ao Lazer** os autores Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior também utilizam-se desse conceito para caracterizar as atividades mistas, porém na perspectiva lazer/trabalho, excluindo atividades de cunho religioso e político (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.35-36).

do ponto de vista das exigências específicas de realização da personalidade por si mesma (DUMAZEDIER, 1974, p. 96-97).

O sociólogo e profissional de educação física Humberto Luís de Deus Inácio, em sua dissertação de mestrado **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**, coloca que o “[...] lazer sempre existiu na história humanidade” (INÁCIO, 1997, p.7), no entanto, ressalta que seu formato atual vincula-se ao surgimento da sociedade industrial. Sua concepção sobre a gênese do lazer dialoga em parte com a de Dumazedier, pois assim como o francês, coloca que antes da configuração da sociedade moderna industrial, atividades de trabalho e não-trabalho faziam parte de uma mesma vivência cotidiana, de um ciclo único, em que tais atividades se confundiam, no entanto acredita que a dicotomia entre lazer e trabalho, “[...] as parcializações e temporalizações pré-estabelecidas” são aspectos específicos da sociedade moderna (INÁCIO, 1997, p.9). Dessa forma, Inácio tem como perspectiva uma integração entre lazer e trabalho, que embora se configurem como atividades distintas, são fragmentos que constituem a atividade humana¹¹.

Segundo Inácio, para se formular um conceito de lazer torna-se imprescindível analisar algumas categorias determinantes do mesmo, entre elas, tempo, atitude e atividade.

No que concerne à categoria tempo, o autor se refere a tempo disponível para lazer, identificando este como uma parte do dia, semana, mês e ano que são ocupadas com atividades de lazer, embora ressalte que o mesmo está sujeito a “[...] coações e normas de conduta” (INÁCIO, 1997, p.16) diante dos valores difundidos na sociedade. Dessa forma, para Inácio, muitas vezes “[...] o tempo disponível não é um tempo do trabalhador”, (INÁCIO, 1997, p.16), sendo o mesmo conduzido pelas leis do capital,

¹¹ Inácio compreende o ser humano “como uno, indivisível, por consequência suas ações também não são divisíveis”, embora sejam distintas (INÁCIO, 1997, p.9).

que manipula as pessoas ideologicamente em prol da manutenção do sistema. Manipulação esta, que segundo o sociólogo se consolidou por meio do consumo, assim sendo, o tempo disponível de lazer se solidificou e foi progressivamente aumentado tendo em vista a abertura para um período de consumo de bens e serviços produzidos durante a jornada de trabalho¹² (INÁCIO, 1997, p.17).

Contudo, o autor acredita que o lazer não pode ser apenas reduzido à categoria de tempo disponível, sendo fundamental também se levar em conta uma “[...] atitude de lazer frente à atividade que está sendo desenvolvida” (INÁCIO, 1997, p. 18). Para Inácio, a atitude de lazer deve ser de natureza desinteressada, visando à satisfação em decorrência da experiência vivida, concepção também ressaltada por Dumazedier (INÁCIO, 1997, p. 18).

A categoria atividade é constituída a partir da distinção entre o trabalho formal, que garante a subsistência, e o trabalho que se configura no tempo disponível, ligado ao prazer e ao interesse pessoal, permitindo, assim, um auto-desenvolvimento (INÁCIO, 1997, p.19).

Analisadas as categorias, o sociólogo define que o lazer “[...] pode se constituir em abstrato ou concreto”¹³ (INÁCIO, 1997, p.24). Segundo Inácio, o lazer concebido sem contribuir para a emergência de valores sociais e pessoais que permitam o desenvolvimento humano se define como abstrato. Para o autor esta concepção de lazer está conectada aos princípios da sociedade industrial, ou seja, o lazer utilizado como instrumento de manipulação. Já o lazer desenvolvido por meio de um processo dialético

¹² Embora ressalte a ligação do tempo disponível com uma concessão do sistema, Inácio ressalta que a obtenção do mesmo também foi possível pela luta dos trabalhadores (INÁCIO, 1997, p.20).

¹³ As definições de lazer apresentadas pelo autor estão baseadas nos conceitos de trabalho abstrato e trabalho concreto criados por Karl Marx. De acordo com Inácio, o trabalho abstrato corresponde ao trabalho-fábrica, considerado alienante, em contrapartida, o trabalho concreto concebe valores sociais úteis ao desenvolvimento humano, possibilitando a libertação (INÁCIO, 1997, p.11).

de geração e contestação de valores, que contribui para uma crítica da realidade e consequente emancipação humana é definido como lazer concreto (INÁCIO, 1997, p.24). Em suma, para Inácio, o lazer deve se constituir em oposição aos valores alienantes balizados pela dinâmica da sociedade industrial, conformando-se como “[...] um espaço de criação e recriação de identidades individuais e coletivas”, incentivando a cooperação e solidariedade entre as pessoas (INÁCIO, 1997, p. 24).

A concepção de lazer de Humberto Inácio estabelece um estreito diálogo com pensamento do sociólogo e livre docente em Estudos do Lazer- Educação Física Nelson Marcellino, sobretudo no que tange à possibilidade de prática em um tempo disponível, a busca pela satisfação no momento de desfrute, e o caráter desinteressado que o define:

Lazer é entendido [...] como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída), no tempo disponível. É fundamental como traço definidor, o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos basicamente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa (MARCELLINO, 2004, p. 31).

Além disso, assim como Inácio, Marcellino critica a submissão do lazer à lógica do lucro/consumo, defendendo um caráter humanizado, pautado na perspectiva de desenvolvimento pessoal e social, sendo o lazer um momento privilegiado para estabelecimento de relações interpessoais, mais precisamente nas palavras do autor um momento de “convivencialidade”, fundamental para oportunidade de troca de conhecimentos e experiências entre os indivíduos e consequentemente formulação de novos valores sócio-culturais (MARCELLINO, 2007, p.15-19).

Em suma, Marcellino define o lazer como cultura, ressaltando:

A noção de *cultura* deve ser entendida em sua acepção ampla, consistindo num conjunto de modos de fazer, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo pelo qual a vida social se desenvolve. Implica, assim, o reconhecimento de que a atividade humana está

vinculada à construção de significados que dão sentido à existência. A análise da cultura, pois, não pode ficar restrita ao produto da atividade humana, mas deve considerar também o processo dessa produção – o modo como esse produto é socialmente elaborado (MARCELLINO, 2007, p.16).

Em consenso com as perspectivas de Nelson Marcellino, os autores Victor Andrade de Melo¹⁴ e Edmundo de Drummond Alves Junior¹⁵, na obra **Introdução ao lazer**, revelam que somente no campo da cultura é possível encontrar uma definição mais precisa de lazer (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.23). Deste modo, para os autores, assim como descrita por Marcellino, a cultura se caracteriza como “[...] algo amplo e complexo abarcando valores, linguagens, manifestações, ritos, símbolos e relações sociais” (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.28). Ademais, os autores de **Introdução ao lazer** ainda acrescentam que o campo da cultura é permeado por disputas de poder e manipulações, ou seja, esta deve ser compreendida não de forma linear, mas com base em uma visão de trocas e resistências, um campo de tensões, construído por meio do diálogo e do conflito (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.26-28).

Definido o conceito de cultura, Melo e Alves Junior concebem o lazer como “[...] um fenômeno moderno, surgido com a “artificialização” do tempo do trabalho típica do modelo de produção fabril desenvolvido a partir da revolução industrial” (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.26-28), estabelecendo clara conexão com o pensamento de Joffre Dumazedier. Além disso, os autores também exprimem que assim como o campo da cultura, o campo do lazer é permeado por tensões e conflitos. Conflitos esses, configurados entre trabalhadores e patrões, diante da busca dos primeiros por tempo liberado de trabalho, conquistado gradualmente por meio das

¹⁴ Victor Andrade de Melo é doutor em Educação Física e Pós-Doutor em Teoria Crítica da Cultura e em História Social.

¹⁵ Edmundo de Drummond Alves Junior é doutor em Educação Física.

organizações originárias deste grupo social, porém reguladas pelos segundos através de iniciativas de controle¹⁶ e obtenção de lucros, objetivando a manutenção das práticas do sistema e a expansão do consumo. (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.29).

Isto posto, segundo os autores as atividades de lazer são definidas então pela conjunção de dois parâmetros, tempo e prazer¹⁷, isto é, tempo livre das múltiplas obrigações sociais cotidianas e busca pela satisfação pessoal (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p. 31-32):

- As atividades de lazer são atividades culturais, em seu sentido mais amplo, englobando os diversos interesses humanos, suas diversas linguagens e manifestações;
- As atividades de lazer podem ser efetuadas no tempo livre das obrigações, profissionais, domésticas, religiosas e das necessidades físicas;
- As atividades de lazer são buscadas tendo em vista o prazer que possibilitam, embora nem sempre isso ocorra e embora o prazer não deva ser compreendido como exclusividade de tais atividades (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.32).

Debatida as diversas concepções contidas no campo do lazer, que permitiram compreender sua multiplicidade e transformações no decorrer do tempo, buscaremos analisar suas práticas no espaço urbano. Isto é, as expressões e os conflitos emergidos

¹⁶ Telma de Barros Correia, arquiteta e urbanista, estudiosa das implicações da industrialização no espaço e nas relações sociais cotidianas, na obra **Pedra: plano e cotidiano operário no sertão** por meio da análise da implantação da lógica industrial em diversas cidades do continente europeu, dos EUA e do Brasil evidencia as ações de lazer regrado promovidas pelos patrões no intuito de controlar as práticas dos operários após o término do expediente e nos momentos de folga. Dessa forma, Correia ao descrever os diversos equipamentos de lazer construídos pelos industriais para que operário desfrutasse em seu tempo livre, revela como os primeiros concebiam, disseminavam e criavam mecanismos para que os segundos se enquadrassem a tal perspectiva de lazer. Como pontuado pela autora “promoviam-se [...] atividades de regeneração das energias para o trabalho, submetidas ao controle da fábrica. Favorecia-se a prática de esportes saudáveis e submetidos a regras, como o futebol, de atividades que desenvolvem as competências manuais – como o bordado – e de espetáculos de conteúdo moralizante nos teatros e cinemas” (CORREIA, 1998, p.135-136). Ou seja, o lazer promovido deveria se constituir como uma atividade “útil, visível e coletiva” aos trabalhadores, de acordo com a perspectiva patronal, que por sua vez através instrumentos julgados adequados o controlava (CORREIA, 1998, p.135-136).

¹⁷ Ao abordar a questão do prazer, os autores colocam que este sentimento não deve ser compreendido como exclusividade dos instantes de lazer, revelando que as demais atividades cotidianas praticadas pelas pessoas sejam regidas também por este sentimento. Melo e Alves Junior concedem especial atenção ao prazer nas atividades de trabalho, defendendo que se lute para que este se transforme, bem como as concepções dos trabalhadores sobre o mesmo. Em síntese, os autores acreditam que o trabalho deve se constituir como um elemento de desenvolvimento humano e não só um instrumento de subsistência (MELO; ALVES JUNIOR, 2003, p.31).

no tempo, tendo em vista os processos de regulamentação e produção, a acessibilidade, e a conformação dos espaços destinados para o desfrute. Utilizaremos como base para o debate a emergência do lazer em São Paulo, problematizando, especialmente, o surgimento e a configuração dos parques na capital paulista no âmbito de sua expansão e conseqüente metropolização, destacando a influência europeia e estadunidense.

A emergência do Lazer na Cidade de São Paulo: A Influência Europeia e Estadunidense e a Implantação dos Parques

Para apreensão da emergência e configuração prática do lazer na cidade de São Paulo, torna-se relevante compreendermos o surgimento e o desenvolvimento deste fenômeno social em outros contextos, sobretudo no continente europeu e nos EUA, tendo em vista a influência destes no que concerne às práticas conformadas na capital paulista. Dessa forma, procuraremos estabelecer os diálogos possíveis ao problematizarmos os processos de regulamentação e expansão do lazer desenvolvidos tanto nessas localidades, quanto na “Paulicéia”.

No artigo **Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson**, Victor Andrade de Melo utilizando-se das concepções advindas das produções de Thompson, aborda que para o historiador inglês “[...] o controle do tempo do não trabalho e das práticas de lazer foi compreendido como uma dimensão fundamental para garantir o progresso” (MELO, 2010, p.25). Dessa forma, ao problematizar o lazer na Inglaterra na transição do século XVIII para o XIX, segundo Melo, Thompson enfatiza que este é produto de um aperfeiçoamento e consolidação do modelo fabril no século XIX, quando se observa “[...] uma maior distinção dos tempos sociais” (MELO, 2010, p.11), ou seja, Melo coloca que Thompson revela ser

inadequado pensar em lazer no século XVIII, diante da variada e irregular organização do trabalho, não ocorrendo uma clara distinção entre trabalho e lazer. Assim sendo, Victor Andrade de Melo enfatiza que Thompson distingue sobre o controle empreendido pelas classes dirigentes no contexto pré e pós consolidação da dinâmica industrial, ocorrendo após a conformação da fábrica no cenário social:

Entabuladas ações de controle que iam desde a melhoria da eficiência da atuação judicial/policial à criação de organizações humanitária, normalmente de cunho religioso, destinadas a amenizar as diferenças. Fundamentalmente buscava-se aumentar o rigor de normas sociais. Tratava-se de manipular e reformar códigos culturais, no intuito de promover comportamentos considerados adequados para não por em risco o establishment (MELO, 2010, p.13).

Desta Maneira, os divertimentos populares também se tornaram alvos das ações de controle, sofrendo agudas oposições, sendo considerados inconvenientes¹⁸ em favor da disciplina do trabalho fabril, pautada por uma produção racionalizada no tempo, controlada pela lógica do relógio, que em um processo marcado por tensões e conflitos substituía uma noção de tempo mais flexível que condicionava até então o cotidiano da sociedade (MELO, 2010, p.16). Ademais, é importante também ressaltar o papel da Igreja, no contexto inglês, sobretudo, a ação do metodismo sobre o operariado, que se valia do “[...] pecado como uma ferramenta de controle” (MELO, 2010, p.14) e das escolas dominicais, que se empenhavam em regular a conduta da classe laboriosa visando à manutenção da dinâmica social vigente (MELO, 2010, p.15).

O intenso controle social empregado no âmbito do estabelecimento do industrialismo, segundo Melo, desencadeou insatisfações e lutas por parte do operariado, que objetivava um abrandamento da coerção empreendida pelo sistema

¹⁸ Segundo Victor Andrade de Melo “era no tempo/espço dos divertimentos que se congregavam os que sentiam os problemas do modo de produção industrial. Se era o mundo do trabalho, da forma como estava sendo concebido, que incomodava, era no mundo do não trabalho que se tinha a oportunidade de refletir mais profundamente sobre as conseqüências de mudanças. Nas tabernas, feiras e festas populares, os contestadores se reuniam para articular essas ações” (MELO, 2010, p.13).

fábrica, emergindo reivindicações para redução e regulamentação do período de labor, que se configuraram sob determinadas condições sociais, políticas e econômicas, devendo-se o tempo livre e, conseqüentemente, as atividades de lazer, serem aproveitados de maneira “consciente”, isto é, que não constituísse oposição a “moral” julgada adequada pelas classes dirigentes¹⁹ (MELO, 2010, p.17).

Assim sendo, de acordo com Melo, se configuraram na Inglaterra no início do século XIX, ainda que num contexto conflituoso, diante das práticas de resistência da classe operária pautadas em suas tradições culturais, atividades de “recreação racional”, relevantes segundo a ótica patronal à regulação física e mental do operariado. Entre essas atividades, destacamos as elaboradas pelo o escotismo e o esporte (MELO, 2010, p.19).

Em conformidade com a consolidação das atividades de “recreação racional”, emergiam os espaços para a prática, sendo o parque urbano um elemento proeminente no decorrer do “oitocentos”, sobretudo na Europa²⁰ e nos EUA. Contudo, a existência de parques, além do modelo idealizado no século XIX, em consonância com as perspectivas de “divertimentos adequados”, não correspondem ao arquétipo precedente. Em outras palavras, o parque não era produto do século XIX, e sua estrutura estava vinculada a uma concepção distinta da concebida neste período. Vinculados aos mais abastados, segundo Maria Lúcia Caira Gitahy, “tornar os parques abertos ao público, historicamente, já não foi trivial” (NIEMEYER, 2002, p.12), isto é, como apontado por

¹⁹ Segundo Edward Thompson, “o desejo de dominar e moldar o desenvolvimento intelectual e cultural do povo na direção de objetos predeterminados e seguros permanece extremamente forte durante a época vitoriana e continua vivo até hoje” (THOMPSON, 2002, p.31).

²⁰ Segundo Rosa Grená Kliass “Já no final do século XVIII, na Inglaterra, o parque surge como um fato urbano de relevância, atingindo, porém, seu pleno desenvolvimento quase cem anos depois. Entre as décadas de 1850 e 1860, a inserção dos parques nas estruturas urbanas ganha corpo na Europa, com ênfase maior para a França, especificamente por ocasião do plano de reformulação do centro de Paris, idealizado por Georges-Eugène Haussmann, prefeito do Sena no período de Napoleão III (KLIASS, 1993, p.19).

Carlos Augusto da Costa Niemeyer, na obra **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania**, anteriormente ao século XIX, os parques se configuravam como ambientes privados, reduzidos à fruição da contemplação, caracterizados, sobretudo, por “[...] elementos pinturescos, evocadores de um passado romântico” (NIEMEYER, 2002, p.28), conformando-se como uma espécie de “reserva biológica”, tendo em vista o desenvolvimento de uma integração entre homem e natureza (NIEMEYER, 2002, p.28-29).

Desta maneira, será no transcurso do XIX, que uma inovadora concepção de parque, no que tange à estruturação e uso fruto, será implementada, conectada às reivindicações e a conquista do tempo livre pela classe laboriosa, porém sob a conformação e o controle imposto pela classe patronal. Ademais, em decorrência dos problemas ambientais advindos do industrialismo, propostas de reformas sociais foram concebidas (NIEMEYER, 2002, p. 26), despontando o Movimento Higienista, que pautado pelo sanitarismo e apoiado pela ciência, promoveu uma série de ações no espaço urbano, surgindo, inclusive, uma valorização dos parques como espaços apropriados de lazer higiênico e moralizador (MELOSI, 2000). Determinada a relevância dos parques na questão da saúde pública, sua funcionalidade também passou por uma transformação. O lazer ativo, voltado às massas, passou a condicionar o modelo dos novos parques desenvolvidos, substituindo o antigo modelo inspirado na contemplação. Desse modo, a estrutura dos mesmos passou a priorizar grandes vias internas destinadas para passeios, áreas para prática de esportes e recreação, em geral (NIEMEYER, 2002, p.29).

Associado a este modelo, de acordo com Niemeyer, em 1843, construído com recursos públicos, nos arrabaldes de Liverpool, foi inaugurado o *Binkinhead Park*,

contendo diversos campos de críquete e grandes vias internas designadas para passeio de pedestres e carruagens (NIEMEYER, 2002, p.29). Parque urbano, que inspirou o projeto mais emblemático do século XIX, diante de sua ampla área para desfrute de um lazer de massa, o *Central Park*, idealizado pelo arquiteto e paisagista norte-americano Frederick Law Olmsted, e inaugurado em 1858 na cidade de Nova Iorque²¹ (NIEMEYER, 2002, p.29).

Segundo Carlos Augusto da Costa Niemeyer, uma série de propostas se configuraram nos EUA de meados do século XIX até o início do século XX no que concerne a parques urbanos voltados para as camadas populares. Os projetos idealizados pelo *Movimento de Parques Americanos* foram concebidos para servirem de espaços para fruição do lazer contemplativo e ativo, contemplando áreas e equipamentos destinados a ambos “estilos” (NIEMEYER, 2002, p.42). Entre os modelos emergidos no período, destacamos: o *Pleasure Garden*, que se conformou “[...]nas metrópoles industriais com propósitos racionais” (NIEMEYER, 2002, p.43) e reformadores, isto é, “[...] consistia como um antídoto aos rigores do industrialismo e como relevante espaço higiênico” (NIEMEYER, 2002, p.43), onde, por meio de atividades culturais, como concertos e exposições, se pretendia moralizar a população (NIEMEYER, 2002, p.43). Os modelos *Reform Park* e *Sports Fields*, estavam conectados, sobretudo, a tendência de lazer ativo, contemplando playgrounds que abrigavam equipamentos esportivos e recreativos para ocupação “[...] sadia do tempo livre e ao mesmo tempo difusão de valores higiênicos” (NIEMEYER, 2002, p.44). Além disso, Niemeyer pontua que os criadores do *Reform Park*, tinham como pretensão que os mesmos se configurassem como espaço de integração e sociabilidade, bem como, mais especificamente aos

²¹ Segundo Laurie, em 1871, o Central Park já recebia nos fins de semana um público de aproximadamente 50 mil pessoas (LAURIE, 1983, p.101).

imigrantes, como um recinto de aprendizagem dos valores nacionais (NIEMEYER, 2002, p.44).

Em consonância com ascensão das práticas e espaços de lazer, assim como com o vigoroso processo de industrialização e ampliação tecnológica incessante, além de demandas sócio-econômicas e da expansão da indústria do lazer, ainda no final do século XIX, emerge nos EUA, outro modelo de parque, caracterizado pela mecanização e uso de estruturas metálicas e eletricidade: *os parques de diversões*. Segundo os arquitetos Luciano José Albuquerque Oliveira e Roberto Righi, o surgimento dos parques de diversões, mais especificamente o arquétipo pioneiro, denominado *Trolley Park*, composto por áreas para piqueniques, salões de dança e brinquedos mecânicos, está associado à ociosidade das estações ferroviárias nos domingos e a consequente busca pelo aumento da circulação de pessoas nos trilhos (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.28). Ademais, os autores também salientam como acontecimento histórico fulcral, no que concerne a gênese deste modelo de diversão, a apresentação da primeira roda gigante²² na Grande Feira Mundial de Chicago, em 1893²³ (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.28).

Desta maneira, tendo como paradigma tanto as inovações apresentadas na Feira de Chicago, quanto o parque de diversão conformado em seu espaço, na última década do século XIX, surgem nos EUA, o itinerante *Chutes Park*, além do *Sea Lion Park*, idealizados pelo imigrante irlandês Paul Boyton (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.29). Rem Kolhaas, em **Nova York Delirante**, enfatiza que no período em questão, o local mais

²² Rem Koolhaas, na obra *Nova York Delirante*, revela que na Grande Feira Mundial de Chicago, foi montado o Parque *Midway Plaisance*, para servir como centro de diversões durante o evento (KOOLHAAS, 2008, p. 59).

²³ A primeira Feira Mundial foi realizada em 1851, na cidade de Londres, inspirada na divulgação das benesses da industrialização. Este evento, de caráter efêmero e itinerante, já foi sediado em vários países, sendo a última Feira realizada em 2012, na cidade de Yeosu, situada na Coreia do Sul.

emblemático onde se estabelecia o “lazer mecanizado”, foi a Ilha de *Coney Island*, localizada no *Brooklyn*, em Nova Iorque. Coney Island, “grande berço” deste modelo de diversão e inspiração no que tange a difusão dos parques de diversões pelos EUA²⁴ e pelo mundo, teve como primeiro parque o *Steeplechase*, uma pista mecanizada de corrida de cavalo com obstáculos, idealizada por George Tilyou²⁵:

A Steeplechase é uma pista de corrida automática cuja força motriz é a gravidade; seus cavalos se assemelham, em tamanho e formato, a cavalos de corrida. De construção sólida, podem, até certo ponto, ser controlados pelo cavaleiro, que pode acelerar ou desacelerar à medida que ele distribui seu peso em cima do cavalo e se prepara para subir e descer os desníveis da pista, transformando cada disputa numa verdadeira corrida (KOOLHAAS, 2008, p. 58).

No início do século XX, o arquiteto Frederic Thompson e o investidor Elmer Dundy, inspirados pela literatura de Júlio Verne, exibiram na Exposição Pan Americana de Buffalo, no estado de Nova Iorque, a atração “Viagem a Lua”, que obteve relevante êxito sensorial e lucrativo (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.30). Em 1902, após a falência do Sea Lion Park, de Boyton, Thompson e Tilyou, arrendaram o parque do irlandês, e inauguraram o *Luna Park*, aflorando o modelo parque temático (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.30):

Ao entrar no Luna Park, as multidões se transformavam em astronautas numa câmara de vácuo conceitual, por onde todos têm de passar. A viagem à lua se dava na Aeronave Luna IV(...). Uma vez a bordo da grande nave, suas asas enormes sobem e descem, a viagem começa e a nave logo passa trinta metros de altura. Uma ampla e sensacional vista do mar que banha Manhattan e Long Island parece ir sendo reduzida à medida que a aeronave vai subindo. (...) As casas vão diminuindo até que a Terra some de vista enquanto a Lua aumenta cada vez mais de tamanho. Ao passar sobre o satélite lunar, vê-se a natureza árida e desolada de sua superfície. A aeronave pousa

²⁴ De acordo como Oliveira e Righi “em 1919, havia nos EUA por volta de dois mil parques de diversões”. (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p. 32). Contudo, gradualmente, a partir de 1929, diante da grande depressão econômica, esse número foi reduzido, existindo apenas quinhentos parques de diversões e operando precariamente, em 1935. Com o advento da Segunda Guerra Mundial, este modelo de diversão praticamente desapareceu dos EUA (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p. 32).

²⁵ Fundador do Steeplechase Park nasceu em Nova York, em 1862. George Tilyou era filho de Peter Tilyou, pioneiro do Surf House, outro empreendimento de sucesso na época em Coney Island. Disponível em : <http://www.westland.net/coneyisland/articles/steeplechase1.htm>. Acesso em: 28 mar. 2016

suavemente, os passageiros desembarcam e entram nas cavernas frias da Lua (KOOLHAAS, 2008, p.58).

Segundo Oliveira e Righi, os parques temáticos, frequentemente são estruturados em grandes áreas²⁶ em que estão disponibilizados equipamentos de lazer “[...] com uma unidade sensorial derivada de um projeto carregado de signos unidos por um único elo: o tema do parque” (OLIVEIRA; REGHI, 2002, p. 30). Desta maneira, de acordo com os autores:

Os parques temáticos são verdadeiros microcosmos artificiais, onde a base temática constitui todo o partido arquitetônico da organização espacial, configurada conceitualmente. Os equipamentos de lazer têm de ser coerentes com o tema central, que se expressa através de signos, seqüências e hierarquias, inspirados em lugares imaginários e encantados (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.30-31).²⁷

Carlos Augusto da Costa Niemeyer, no capítulo “Do Velódromo aos Parques Infantis – paradigmas e contradições na produção social dos espaços lúdicos em São Paulo”, da obra **Desenhando a cidade do século XX**, reflete sobre a configuração dos espaços lúdicos na capital paulista, desde o último quartel do século XIX até meados do XX, expondo os conflitos deflagrados neste processo.

Segundo o autor, os acanhados espaços de lazer que emergiam em São Paulo, em meados do século XIX, estavam coadunados ao entorno das igrejas, que, para além de ser um espaço de práticas religiosas, desempenhava um relevante papel na “articulação da trama urbana da cidade” (NIEMEYER, 2005, p.80), sediando eventos

²⁶ As atrações do Luna Park eram estruturadas em uma área de 15 hectares, onde mais de mil funcionários ofereciam suporte ao público (KOOLHAAS, 2008, p. 64).

²⁷ Embora Parques de Diversões e Parques Temáticos estejam conectados a expressiva modernização tecnológica, abrigando aparelhos especialmente mecânicos, segundo Oliveira e Righi, os parques de diversões se configuravam fisicamente e conceitualmente de forma distinta dos parques temáticos. De acordo com os autores, o parque de diversões se conforma em um espaço menor, muitas vezes é itinerante, podendo então, ser montado em múltiplos lugares. Além disso, no parque de diversões não existe um diálogo entre as atrações, bem como “[...] seu tamanho e equipamentos aumentam e diminuem de acordo o sucesso e o fracasso do empreendimento” (OLIVEIRA; RIGHI, 2002, p.32).

comunitários, e caracterizando-se com um recinto de sociabilidade. (NIEMEYER, 2005, p.80).²⁸

De acordo com o autor, a partir das últimas décadas do século XIX, quando a cidade se transforma em notável entreposto comercial, sua configuração espacial acaba passando por mudanças significativas, no entanto, os espaços para fruição do lazer, não eram considerados prioritários, sendo suprimidos ou desvalorizados diante da conformação de um desenho urbano submetido à lógica da emergente industrialização (NIEMEYER, 2005, p.78). Desta maneira, o direito ao lazer e o acesso aos espaços da cidade para o desfrute foram permeados por conflitos entre as classes laboriosas e dirigentes, que passaram a considerar tal possibilidade apenas quando perceberam situações vantajosas, sobretudo, melhorias na produção e expansão comercial, sendo o operariado um relevante público consumidor, e que não escapavam ao controle social empreendido (NIEMEYER, 2005, p.79-80).

Niemeyer destaca a existência de uma contundente segregação espacial na

²⁸ Niemeyer ressalta a importância da igreja no que tange à difusão do lazer em São Paulo no século XIX, embora também evidencie a relevância do Jardim Público, primeiro parque urbano concebido na cidade, como espaço de diversões. (NIEMEYER, 2005, p.80). Segundo Rosa Grena Kliass, na virada do século XVIII para o XIX, por determinação régia e financiado por meio de donativos oficiais, ocorreu em São Paulo a criação o Horto Botânico (KLIASS, 1993, p.65). Batizado oficialmente como Jardim da Luz, em 1916, pela Diretoria de Obras e Viação Pública, o Horto foi aberto ao público em 1825, ficando conhecido, desde então, como Jardim Público, diante da utilização de seu espaço para atividades recreativas (KLIASS, 1993, p.65). No entanto, Kliass coloca que o marco definitivo da utilização do Jardim Público como área de recreação está atrelado ao período em que João Teodoro Xavier presidiu a Província de São Paulo no início da década de 1870, realizando reformas significativas em seu espaço, dentre elas, a implantação de um sistema de canalização de águas; a construção da Torre do Observatório, que serviu como central meteorológica até o final do oitocentos quando foi desativada e demolida; a inauguração de um bar-café; além de melhorias estéticas em seu interior (KLIASS, 1993, p.72). A autora destaca, também, as corridas de cavalo e os concertos musicais como atividades que atraíram relevante público ao Jardim, naquela época (KLIASS, 1993, p.85). Segundo Rosa Kliass, em meados da década de 1910, a utilização do espaço do Jardim Público acaba diminuindo consideravelmente, sobretudo diante das intensas transformações urbanísticas ocorridas em São Paulo, que propiciaram o surgimento de novos ambientes de lazer e novas áreas verdes (KLIASS, 1993, p. 87).

cidade²⁹ no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX relacionada, especialmente, a questões sociais e de nacionalidade, tendo nesse contexto grande relevância às reivindicações tanto do movimento operário, quanto de associações como a anarco-sindicalista, marcada pela ampla presença de italianos, para a concessão de tempo livre (NIEMEYER, 2005, p.81). Além disso, ressalta que o lazer operário começou a se estabelecer na época a partir da ascensão de novos saberes, entre eles, a Fisiologia, a Psicotécnica e a Higiene Social, que salientavam as necessidades psicossomáticas dos trabalhadores, além da importância de se amenizar as tensões concebidas durante o labor (NIEMEYER, 2005, p.79-80).

Isto posto, compreendemos que os espaços lúdicos que surgiram no período eram caracterizados por um vigoroso recorte de classe, assim, simultaneamente, configuravam-se no espaço de São Paulo, clubes esportivos, conectados às tendências europeias, como ambientes de “privilégio” das elites, bem como parques urbanos para o desfrute do lazer de massa, ainda que tal perspectiva possa ser problematizada em função da localização de alguns destes, além da própria atuação social dos setores que controlavam a dinâmica da cidade³⁰ (NIEMEYER, 2005, p.80).

²⁹ Para além do lazer, algo que simboliza a segregação espacial configurada em São Paulo na transição do século XIX para o XX e, posteriormente, no decorrer deste último, é a intensa especulação imobiliária ocorrida na cidade, existindo projetos de loteamento e moradia para as distintas classes sociais que a habitavam (ANTAS JR., 2010, p.161). A trajetória da Cia City em São Paulo representa este panorama. A companhia inglesa modificou a magnitude da atividade imobiliária em São Paulo, desenvolvendo projetos, sobretudo para a elite, instituindo os bairros jardins na cidade, que valorizavam a estrutura fundiária dos terrenos adquiridos. O responsável pelo desenvolvimento desse padrão urbanístico foi o arquiteto inglês Richard Barry Parker, que chegou ao Brasil, contratado pela City, em 1915. A Companhia inglesa adquiriu terrenos em todas as regiões da cidade, no entanto, seus principais projetos foram desenvolvidos na porção sudoeste, onde se localiza o bairro do Pacaembu (SEVCENKO, 1992, p. 126); (MEHRTENS, 2010).

³⁰ Segundo Sevcenko, no decorrer da década de 20, populares insatisfeitos se queixavam por meio de denúncias sobre o fato de o popular Jardim da Luz ter seu acesso limitado até às dezoito horas, enquanto que o parque da Avenida Paulista, mais reservado, permaneceria aberto e iluminado até às 23 horas. Além disso, existiam reclamações contra o fluxo forçado de lazer que a Companhia Light impunha nos fins de semana, ao concentrar o itinerário dos bondes por razões escusas em algumas linhas, retirando os veículos que permitiam o acesso a algumas áreas de lazer configuradas na cidade (SEVCENKO, 1992, p.133).

Destarte, entre 1880 e 1920, emergiram na capital paulista, clubes como São Paulo Athletic Club (1888), Sport Club Germânia (1889), Club Athletico Paulistano (1900), sendo, os dois primeiros fundados por estrangeiros e o último por brasileiros, porém, todos, ligados às elites e a tradições esportivas europeias, além do Velódromo de São Paulo (1892)³¹. Ademais, também foram inaugurados na cidade de São Paulo os parques Villon (1892), Jardim da Aclimação (1892), Antartica e Anhangabaú (1910), além das praças da República³² (1889) e a Buenos Aires (1913).

Dos parques urbanos criados nesta época em São Paulo, alguns foram concebidos por meio de capital privado. Rosa Kliass, na obra **Parques Urbanos de São Paulo**, expõe que o Parque Villon³³, denominado, atualmente, Parque Siqueira Campos, inaugurado em 1892, foi idealizado e implantado por empreendedores imobiliários da região do Alto Caagaçu, que tinham como pretensão a valorização do entorno dessa localidade. Kliass destaca que o Villon funcionou como parque privado até 1911, tornando-se público após a aquisição da Prefeitura de São Paulo, na gestão Barão de Duprat (KLIASS, 1993, p.141). O Jardim da Aclimação foi fundado pelo médico Carlos José Botelho, em 1892 (KLIASS, 1993, p.155). Segundo Kliass, Botelho, que se formou médico em Paris, ao voltar para o Brasil, acabou abandonando a medicina em função de seu interesse por atividades agropecuárias e sua inserção na política. Inspirado pelo modelo francês do *Jardin d' Acclimatation*, fundou na cidade de São Paulo um parque

³¹ O Velódromo de São Paulo foi um empreendimento privado pioneiro do lazer idealizado pela tradicional família Prado. Tommaso Bezzi foi responsável pela criação de seu projeto e Giuseppe Valori o executor da obra. A estrutura do Velódromo era composta por uma raia elíptica que media 380 metros de comprimento, por oito de largura; duas arquibancadas cobertas, dispostas paralelamente, com capacidade total de duas mil pessoas; um jardim configurado ao centro da raia, que posteriormente foi utilizado para implantação do campo de futebol; uma quadra de tênis e tanques para banho (GONÇALVES JUNIOR, 2008, p.19). Ou seja: um equipamento multimodal de lazer.

³² Antigo Largo dos Curros, onde existiam as touradas paulistanas (ATIQUÉ, 2004).

³³ O nome Villon é uma homenagem ao arquiteto francês Paul Villon, responsável pela projeção dos Jardins e do restaurante do parque (KLIASS, 1993, p.141).

designado à criação de animais e plantas (KLIASS, 1993, p.155). Na década de 20, período áureo do Jardim da Aclimação eram oferecidas diversas atrações de recreação, entre elas, botes de aluguel, remo, natação, salão de baile, restaurante, barracões para piqueniques, conjuntos musicais, rинque de patinação, feira de diversões e zoológico, reunindo grandes públicos em seu espaço (KLIASS, 1993, p.155). Em 1939, durante a administração de Prestes Maia, o Jardim da Aclimação foi adquirido pela Prefeitura de São Paulo em vista da implantação do Plano de Avenidas, fator que provocou uma considerável redução de seu tamanho (KLIASS, 1993, p.157).

Criado pela Companhia Antarctica Paulista na última década do século XIX, a idealização do Parque Antarctica, segundo o historiador Diógenes de Sousa, está atrelada ao desejo de tornar a cerveja uma bebida ainda mais popular na capital, visando aumentar seu consumo (SOUSA, 2014, p.19). Dessa forma, em uma fazenda adquirida pela Companhia, no bairro da Água Branca, próxima à sua sede, foi instalado o Parque, que detinha 300 mil metros quadrados, abrigando uma vasta área verde e um lago. Além disso, possuía parque infantil, choperia, restaurantes e áreas para a prática de esportes (SOUSA, 2014, p.19). Sousa revela que, inicialmente, o público que frequentava esse ambiente de lazer se restringia principalmente à elite paulistana e aos funcionários da Companhia, no entanto, sobretudo após a utilização de seu espaço para a prática do futebol, já no início do século XX, ocorreu uma notável ampliação de circulação de pessoas em suas dependências (SOUSA, 2014, p.19). Em 1920, o Parque Antarctica tornou-se propriedade do Palestra Itália, denominado, desde 1942, Sociedade Esportiva Palmeiras (SOUSA, 2014, p.25).

A conjuntura de transformações urbanas e tecnológicas sucedidas em São Paulo de maneira “acelerada” propiciou também o desenvolvimento de novas iniciativas de

lazer. Em conformidade com as tendências de *Coney Island*, em meados da década de 1910, houve uma solicitação para implantação de um parque de diversões na região do Anhangabaú, porém, negada pelo poder público:

Cicero da Silva Prado e Eduardo da Fonseca Cotching, no intuito de dotar a cidade de um parque de diversões público do gênero Luna-Park, pedem-lhes que seja concedida, pelo prazo de 20 annos, toda a sorte de terrenos adquiridos pelo governo, no Valle do Anhangabahú, e isenção de impostos municipaes. Uma vez que os terrenos pedidos são necessários e já estão destinados a um plano assentado de melhoramentos do dito Valle, a Commissão da Justiça não aconselha o deferimento da petição (CORREIO PAULISTANO, 13/05/1914).

Na década de 1930, diante do novo horizonte político brasileiro, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, ocorrem transformações no que tange a organização do tempo livre³⁴ do operariado, com a formulação de uma legislação trabalhista, que regulamentava “[...] a jornada de oito horas diárias de trabalho, bem como um repouso semanal e férias remuneradas” (NIEMEYER, 2005, p.85). Ademais, novas perspectivas surgem no âmbito do lazer, entre elas, os parques infantis, proposta que congregava práticas de lazer e buscava colaborar para a previsão social³⁵.

Notícias publicadas no jornal **Correio Paulistano** evidenciam a presença do Parque Shanghai desde 1937 na cidade de São Paulo.³⁶ Em princípio itinerante, este foi

³⁴ Niemeyer coloca que a política de lazer articulada pelo governo de Getúlio Vargas tinha como uma das principais pretensões enfraquecer as associações operárias em busca de manutenção do regime (NIEMEYER, 2005, p.85).

³⁵ Difundido a partir da década de 1930 sob influência dos ideais sanitaristas, os parques infantis se conformavam como um ambiente extracurricular. Entre as atividades oferecidas destacam-se play-grounds, equipamentos esportivos e oficinas artesanais. Segundo Niemeyer, “os parques infantis foram espaços lúdicos de qualidade que inauguraram uma nova era de promoção do lazer em São Paulo”, no entanto, o autor destaca que as transformações e adaptações sofridas por este ao longo do tempo contribuíram para desfigurar as propostas culturais que o norteavam (NIEMEYER, 2005, p.89). Os parques infantis existiram na cidade até os anos 1970 (NIEMEYER, 2005, p.91).

³⁶ Antes de chegar à cidade de São Paulo em meados de 1937, o Parque Shanghai esteve presente na Grande Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes, em 1936, na cidade de Campinas. (CORREIO PAULISTANO, 23/12/1936: 11). Além disso, o Shanghai também participou da Exposição-Feira Agropecuária e Industrial ocorrida em Ribeirão Preto, no mês de fevereiro de 1937 (CORREIO PAULISTANO, 07/02/1937).

montado na exposição comemorativa do Cinquentenário da Imigração Oficial,³⁷ realizada no Parque Dom Pedro II³⁸:

Segue hoje para Paris o Sr. Gaspar Zaragueta, director-proprietário do grande parque de diversões que está funcionando no recinto da exposição commemorativa do cinquentenario da immigração official, no Parque D. Pedro II. O Sr. G. Zaragueta que ha mais de cinco annos dedica suas actividades commerciaes em nosso paiz, realiza a actual viagem com o intuito de adquirir novas diversões destinadas ao publico brasileiro. Deve-se ao Sr. G. Zaragueta a apresentação ao nosso publico das mais modernas diversões como o “Water Shoot”, “Autodromo”, “Looping the Loop”, “Bicho da Seda”, “Dangler” e uma infinidade de outras que estão obtendo o maior successo no actual certame paulista (CORREIO PAULISTANO, 23/07/1937, p.9).

No início da década de 1940, o Parque Shanghai tornou-se atração de eventos como: a Feira Nacional de Indústrias, ocorrida no bairro da Água Branca, e dos festejos

³⁷ O jornal não especifica o país homenageado no evento comemorativo em questão nas notícias publicadas.

³⁸ Segundo Rosa Kliass, um Termo de Vereança produzido no final do século XVIII aponta que desde esse período na região da Várzea do Carmo, local em que se instalou o Parque Dom Pedro II, existem indícios do desenvolvimento de atividades recreativas (KLIASS, 1993, p.113). Nas primeiras décadas do século XIX, documentos da Câmara revelam que, sobretudo durante o verão, a população paulistana costumava banhar-se nas águas do Rio Tamanduateí, localizado nessa região. Contudo, essa atividade acabou sendo proibida na segunda metade deste século, sendo severamente reprimida pelas autoridades locais (KLIASS, 1993, p. 114). Em fins do XIX, essa região também foi uma das primeiras a sediar jogos de futebol, inclusive o termo “futebol de várzea” é oriundo das partidas que se desenvolviam em seu espaço (FERREIRA, 2008, p.31). A implantação do primeiro parque na Várzea do Carmo ocorreu também no século XIX, durante o governo João Teodoro, denominado Ilha dos Amores, este era coberto por jardins e possuía instalações para banho, contudo acabou abandonado em decorrência da obstrução do canal que o separava da Rua 25 de março para dar lugar ao Mercado de Peixe. (KLIASS, 1993, p.112). Na década de 1910, durante o período em que Raimundo Duprat esteve à frente da Prefeitura de São Paulo, o engenheiro-paisagista francês Joseph Bouvard foi convidado para avaliar os planos de melhoramentos urbanos e viários da cidade e acabou elaborando um projeto para criação de um grande parque na região da Várzea do Carmo, no entanto, a execução desse projeto, que ficou a cargo do arquiteto-paisagista E.F. Cochet, teve início apenas na gestão seguinte, quando Washington Luís se tornou Prefeito da capital paulista (KLIASS, 1993, p.114). O desfecho da obra e a escolha do nome Dom Pedro II, se dão no início da década de 20, quando o Prefeito da Cidade era Firmiano de Moraes Pinto (KLIASS, 1993, p.120). Após a entrega da obra, Kliass ressalta que alguns elementos previstos no projeto não foram executados, entre eles, a implantação de espaços e equipamentos esportivos (KLIASS, 1993, p.125). No final da década de 1960, na gestão de Faria Lima, em função da implantação de uma série de obras viárias no espaço em que Parque Dom Pedro II estava estabelecido, este acabou desaparecendo (KLIASS, 1993, p.130). Essa obra também decretou o fechamento do Parque Shanghai, pois este se localizava no entorno do Parque Dom Pedro II.

de carnaval promovidos na “Cidade da Folia”³⁹, no Parque Antarctica, localizado no mesmo bairro:

Amanhã, um domingo grande dentro das grandes realizações do carnaval paulista deste ano, novos bailes e novas festas, especialmente para crianças, esses foliões denodados que não querem perder sua oportunidade de brincar. Lá na “Cidade da Folia”, uma cidade dentro da cidade de São Paulo, a garotada terá à sua disposição, gratuitamente, o Parque Shanghai. FOLHA DA MANHÃ, 15/02/1941, p.2).

Em 1945, por meio de um alvará de funcionamento concedido pelo Prefeito Abraão Ribeiro e patrocinada pela Sociedade Rural Brasileira se instalou a Grande Exposição Agrícola-Industrial e Comercial, às margens do Rio Tamanduateí, ocupando parte do Parque Dom Pedro II (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949, p.16). Pouco tempo depois, anexo a esta feira, na Rua da Mooca, esquina com a Glicério, as atrações do Parque Shanghai tornaram-se mais um atrativo local, permanecendo neste endereço até 1949 (JORNAL DE NOTÍCIAS, 1949, p.5).

Durante a permanência do Shanghai neste endereço, uma série de eventos foram promovidos em seu espaço, consolidando-o, não apenas como parque de diversões, mas também como um recinto de cultura. Apresentações de artistas como Grande Othelo, Adoniram Barbosa, Ataulfo Alves e Pagano Sobrinho e de companhias circenses nacionais e internacionais aconteceram nas dependências do Parque nesse período.

Removido do local onde estava estabelecido, após o vencimento da licença municipal, pouco tempo depois, o Parque Shanghai foi reaberto na Rua Glicério,

³⁹ No fim dos anos 30 a Companhia Antarctica passou a promover concursos carnavalescos no Parque Antarctica, instituindo ali, a “Cidade da Folia”. Para os sambistas da época, esse espaço tornou-se o principal centro de atividades do carnaval paulistano, tanto que algumas rádios chegaram a promover ou a ajudar os festejos ocorridos neste local. Disponível em: http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/sons_da_velha_metropole.html . Acesso em: 28 mar. 2016. Outras instituições se envolviam também com o carnaval de São Paulo naquela época, entre elas, as Grandes Indústrias Minetti-Gamba, produtora de farinha, sabão e óleo, que promovia seus produtos por meio da distribuição de convites para a utilização do Parque Shanghai na “Cidade da Folia” durante essa festividade (FOLHA DA MANHÃ, 1941:2).

esquina da Avenida do Estado. Neste novo endereço, o Parque, continuou promovendo suas atividades de lazer, cultura e entretenimento até ser decretado seu fechamento, diante da construção de um conjunto de viadutos no espaço em que estava estabelecido:

Para permitir a urbanização de toda a zona do Glicério, na confluência da Rua da Mooca com a Av. do Estado, está sendo desmontado o famoso Parque Shangai, que durante aproximadamente 25 anos proporcionou entretenimento a crianças e jovens. Na grande área de aproximadamente 18 mil m² de propriedade da prefeitura e do INPS, vão surgir três audaciosos viadutos que visam a permitir melhoria das comunicações nesse trecho da cidade, em particular na parte em que se situa entre as avenidas do Estado e Rangel Pestana, Rua do Glicério e Córrego do Tamandateí. (FOLHA DA MANHÃ, 13/11/1968, p.8).

Conclusão

Após o debate empreendido em relação às dimensões do conceito de lazer e sua aplicação no espaço urbano, percebemos que o mesmo está inserido num contexto de conflitos, permanências e transformações conectadas às relações sociais, políticas e econômicas concebidas no tempo.

Desta maneira, ao analisarmos o conceito de lazer observamos as particularidades e aproximações entre as definições dos autores mobilizados na construção do texto, percebendo sua multiplicidade, isto é, o lazer como tempo liberado de certas obrigações sociais como definido por Dumazedier, que também ressalta seu caráter desinteressado, hedonístico e pessoal; o lazer humanizado, enfatizado por Inácio e Marcellino, que destacam a expansão de valores sociais por meio de relações interpessoais; a conexão do lazer com o campo da cultura, também salientada por Marcellino e compartilhada por Victor Andrade de Melo e Edmundo de Drummond Alves Junior; o lazer regrado, apontado por Telma Correia de Barros diante do controle patronal sobre as práticas dos operários após o cumprimento do turno de trabalho.

Destacamos também, uma problemática apontada por autores como Nelson Marcellino e Humberto Inácio sobre a apropriação do lazer numa lógica de consumo/produto. Evidente que esta apropriação tem de ser problematizada, diante de aspectos como a segregação configurada ao observarmos os espaços, bem como as atividades concebidas pela iniciativa privada no âmbito da expansão da indústria do lazer, porém dimensões frisadas como essenciais para definição de um “momento/condição de lazer” também podem ser verificadas no “lazer privado”, devendo as iniciativas de lazer públicas e privadas serem oferecidas e exploradas pela população nas suas múltiplas possibilidades de significados.

Além disso, ao examinarmos a configuração das práticas de lazer, sobretudo, pelo viés de produção dos parques, tanto no contexto europeu e estadunidense, quanto na cidade de São Paulo, nos deparamos com os distintos modelos emergidos em conformidade com as necessidades e os objetivos de distintos grupos sociais, bem como com as perspectivas de transformações urbanas, políticas, econômicas e tecnológicas no decorrer do tempo, que evidenciam o lazer e, suas expressões, como um fenômeno dinâmico. Porém, ao efetuar tal exame, percebemos também a ocorrência de conflitos no âmbito da conformação dos espaços para fruição, salientando, sobretudo, as tensões que permearam a regulamentação e possibilidades de acesso das classes laboriosas, tendo em vista o opulento controle exercido pelas classes dominantes no contexto social, evidente, inclusive, na estrutura segregadora que compõe os espaços das cidades.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. de. **Lazer:** princípios, tipos e formas na vida e no trabalho. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 199 p.

ANTAS JR, R. M. O Lazer Paulistano em Diferentes Fases de Modernização da Cidade. In: CAMARGO, A. M. de A.(Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.

ATIQUE, F. **Memória Moderna: a trajetória do Edifício Esther**. São Carlos: RiMa / FAPESP, 2004.

BACELLI, R. **Jardim América**. História dos Bairros de São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo. São Paulo: SMC, 1982.

BARROS, J. A. **O tempo dos historiadores**. São Paulo: Editora Vozes, 2013.

BLOCH, MARC. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CORREIA, T. B. **Pedra: Plano e Cotidiano Operário no Sertão**. Campinas: Papirus, 1998. 320 p.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

EXPOSIÇÃO-Feira. **Correio Paulistano**, São Paulo, 07 fev. 1937.

FERREIRA, J. F. **A Construção do Pacaembu**. São Paulo: Paz e Terra, 2008. 115 p.

GONÇALVES JUNIOR, R. D. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GRANDE Exposição-Feira Comemorativa do Centenário do Nascimento de Carlos Gomes. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 dez. 1936. p.11.

GRANDE exposição de São Paulo. **Correio Paulistano**, São Paulo, 23 jul. 1937. p. 6.

HOMEM, M. C. N. Higienópolis: Esboço Histórico. In CAMARGO, A. M. A. (Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.

INÁCIO, L. D. I. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. 1997. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Educação do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

INSIGNIFICANTE a caução do Parque Shangai para recuperação parcial do Parque Dom Pedro II. **Jornal de Notícias**, São Paulo, 02 nov. 1949. p.16.

KLIASS, R. G. A. **Parques Urbanos de São Paulo e sua evolução na cidade**. São Paulo: Pini, 1993.

KOOLHAAS, R. **Nova York Delirante: um manifesto retroativo para Manhattan**. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.

- LAURIE, M. **Introducción a la arquitectura del paisaje**. Barcelona: Gustavo Gilli, 1983.
- MARCELLINO, N.C. **Espaços e equipamentos de lazer em região metropolitana: o caso da RMC – Região Metropolitana de Campinas**. Curitiba: OPUS, 2007.
- MARCELLINO, N.C. **Lazer e Educação**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2004.
- MARTINS, J. S. **Fronteira**. A degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucite, 1997.
- MEHRTENS, Cristina Peixoto. **Urban Space and National Identity in Early Twentieth Century São Paulo, Brazil: crafting modernity**. Editora Palgrave Macmillan, 2010.
- MELO, V. A. Lazer, modernidade, capitalismo: um olhar a partir da obra de Edward Palmer Thompson. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p.5-26, jan-jun. 2010. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/389> . Acesso em: 28 mar. 2016.
- MELO, V.A.; ALVES JUNIOR, E.D. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.
- MELOSI, Martin. V. **The Sanitary City: Environmental Services in Urban America from Colonial Times to the Present**. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 2000.
- NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. Do Velódromo aos Parques Infantis – paradigmas e contradições na produção social dos espaços lúdico em São Paulo, In: GITAHY, M. L. C. (Org). **Desenhando a cidade do século XX**. São Carlos: Rima/Fapesp, 2005.
- NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. **Parques Infantis de São Paulo: lazer como expressão de cidadania**. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2002.
- OLIVEIRA, L. J. A.; RIGHI, R. Os espaços de lazer: gênese e desenvolvimento do conceito de parque temático. **Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v.2, n.1, p.23-39, 2002.
- PERROT, M. **Os Excluídos da História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RAMOS, A. W. Da Vida de Bairro à Morte do Bairro: historicidade e espacialidade da Água Branca. In CAMARGO, A. M. A. (Org.). **São Paulo, Metrôpole em Mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.
- SÃO PAULO. Parecer nº51 da Comissão de Justiça. **Correio Paulistano**, São Paulo, 13 mai. 1914.
- SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SOUSA, D. **Parque Antártica** – Um patrimônio do lazer na cidade de São Paulo no início do século XX. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2014.

THOMPSON, E. P. **Os Românticos: a Inglaterra na era revolucionária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

TRÊS arrojados viadutos em formato de cruz vão surgir na região do Glicério. **Folha da Manhã**, São Paulo, 13 nov. 1968. p.8.

ULIAN, F. Transporte em São Paulo: inclusão e exclusão no espaço urbano. In CAMARGO, A. M. A. (Org.). **São Paulo, Metrópole em Mosaico**. São Paulo: CIEE, 2010.

UMA semana, apenas! **Folha da Manhã**, São Paulo, 15 fev. 1941. p. 2.

Endereço do Autor:

Hennan Gessi
R. Dom Antônio Galvão, 258 – Vila Gumerindo
São Paulo – SP – 04.123-040
Endereço Eletrônico: hennan.gessi@gmail.com